

Livros didáticos de Língua Portuguesa e representações de leitura a partir de suportes midiáticos

Portuguese language textbooks and representations
of reading from media supports

RAQUEL LAZZARI LEITE BARBOSA
Professora da Unesp-Assis e Unesp-Marília
raqueleite@uol.com.br

ROSARIA DE FÁTIMA BOLDARINE
Doutoranda em Educação (Unesp-Marília) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie
lispec@ig.com.br

Resumo

Textos didáticos integram sistemas de comunicação e de representação. Por meio deles as sociedades se comunicam com suas crianças e seus jovens, passam-lhes representações de vida, símbolos, formas de entendimento de discursos, delimitam campos de estudo. Este artigo apresenta discussão sobre as mídias que livros didáticos de Língua Portuguesa selecionados pelo Ministério da Educação, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) se utilizam, para observar os pilares da ação, do movimento e da inserção das mídias no cenário escolar. A análise permite observar, entre outros aspectos, a consolidação de um perfil cada vez mais individualista entre as estratégias de uso das mídias na escola.

Palavras-chave: Livros didáticos; Mídias; Leitura; escola

Abstract

Didactic texts compose communication and representation systems. By them societies communicate with their children, their youth, transmit them live representations, symbols, ways of understanding speeches and delimit their study fields. This article presents a discussion about the medias used by Portuguese language text books selected by the Ministry of Education Textbook National Program (PNDL – in Portuguese), in order to observe the foundation of actions, movements and media insertion at school. The analysis allows us to see the consolidation of an individualist profile among the strategies of using medias at school, among others aspects.

Keywords: Textbooks; Medias; Reading; School

Textos didáticos integram sistemas de comunicação e de representação. Por meio deles as sociedades se comunicam com suas crianças e seus jovens, passam-lhes representações de vida, símbolos, formas de entendimento de discursos, delimitam campos de estudo. Práticas de leitura em livros didáticos expõem o leitor a contatos com linguagens e com diferentes protagonistas. O livro didático não se configura como simples instrumento para a transmissão de conhecimentos. O entendimento do discurso contido nesses livros está vinculado às condições em que acontece a prática da leitura, está vinculado à formação das pessoas envolvidas na atividade. Os discursos, as imagens contidas nos livros didáticos, as diferentes maneiras como esses livros são apresentados aos leitores se inscrevem no social, no espaço escolar. Assim, deixam transparecer representações e provocam reações diferenciadas. Podem configurar-se em veículo de ampliação de diálogo ou provocar monólogos.

A sociedade democrática e a escola de modo particular propõem igualdade entre as pessoas. A escola é (deve ser) o lugar por excelência dessa proposição. Assim, a desigualdade presente nas avaliações se atém (deve ater-se) ao desempenho nos estudos. Os estudos, por sua vez, dão o tom do mérito. Nunca o mérito escolar pode ser referido à pessoa. Nessa condição, as pessoas se tornam responsáveis pelo próprio sucesso. (DUBET, 1998)

Imbricado nessa questão está o tema da motivação para o estudo. Do ponto de vista analítico, ainda segundo Dubet (1998), a motivação pode ser entendida com base em três grandes razões. Primeiramente, pela utilidade dos estudos, isto é, o ajustamento dos meios ao fim. Uma segunda razão estaria ligada a valores que dão o sentido de realização, a vocação, e, ainda, uma terceira razão (mais distante dos atores) diria respeito ao cumprimento de uma etapa da vida no processo de integração social. A questão da motivação está entre aquelas que, de modo especial, acarretam muita tensão nas escolas. Isso se deve ao fato de o estudante, frequentemente, relacionar o sentido de estudos a imposições ligadas ao mercado de trabalho. Assim, a motivação se depara com uma noção abstrata, à medida que se pode perguntar: qual mercado? Quais as expectativas em relação ao mercado de trabalho que a escola pública pode defender? Escola de qualidade significaria aprovar muitos alunos em exames vestibulares ou a escola pública deve olhar em seu entorno e buscar uma visão ampla, voltada para uma crescente valorização e autonomia humana?

Essas são algumas das questões que envolvem a chamada motivação. A avaliação delas – o momento do enfrentamento da leitura tendo o livro didático como objeto – requer trabalho metodológico que leve em conta o ponto de partida em que se encontra o aluno-leitor. Diversos como esses pontos são as condições sociais dos alunos. Um aluno cuja família mantém-se com baixa renda pode, provavelmente, ter contato mais direto com o livro ao chegar à escola e esse livro será o didático. Nessas condições, como fica a equivalência no julgamento do mérito e a motivação? Esse é um dos problemas cruciais enfrentados pelo sistema de ensino e por professores.

A posição que uma criança (família) ocupa na sociedade não é determinante do sucesso escolar, mas ela produz efeitos indiretos segundo a história do aluno, envolvendo suas potencialidades e as atividades que desenvolve fora e dentro da escola.

Em escolas de Assis, problemas relacionados à carência de possibilidades de leitura enfrentada por alunos, foram muito salientados em pesquisa realizada

entre professores. (Barbosa, 2001) A pesquisa dá uma medida do problema da obrigatoriedade de adoção de uma determinada cartilha, bem como da importância do papel do professor no processo de ensino/aprendizagem.

Na história do ensino fundamental em Assis, de início, estavam presentes os chamados “livros de leitura”, que eram muito valorizados pelos professores. Os “livros de leitura” se constituíam em símbolos, reservatórios de imagens, cultuados por professores e alunos. No momento da realização da pesquisa, dizia uma professora:

Um ano veio aquele método daquela cartilha Meninos Travessos e que todo mundo tinha que adotar. Quando chegou o final do ano, tinha professora louca porque não tinha alfabetizado. Eu adotei a cartilha, mas dentro das lições eu dava do meu jeito então os meus alunos todos chegaram no fim do ano alfabetizados. Estavam alfabetizados! - I.F.F.1930. (Barbosa, 2001)

Cartilhas alcançaram número elevado de edições, no Brasil, nas primeiras décadas do século XX. A partir de 1930, cresce o número dessas publicações. “Na relação de livros autorizados pelo Departamento de Educação do Estado de São Paulo, para uso nas escolas, são mencionadas no ano de 1944 trinta e duas cartilhas”. (Pfromm, 1974: 164) A partir desse momento, novos títulos foram acrescentados à extensa lista de cartilhas usadas nas escolas.

Para Ezequiel Theodoro da Silva, (1996: 11) o livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores: “sustentam essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador”.

Na região em estudo, como foi destacado antes, assim como em outras regiões do Estado e do país, as escolas de ensino fundamental recorrem sistematicamente a livros didáticos como um dos recursos no processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessário um olhar mais atento para este material, que embora receba muitas críticas é, ainda, em muitas instituições, um dos poucos contatos estabelecidos entre o discente e a produção escrita. Além disso, considera-se que uma das interfaces da relação entre escolas e comunidade pode ser analisada com base nas práticas de leitura recomendadas aos alunos, nas leituras indicadas e avaliadas na escola, em especial, na indicação de textos didáticos.

Para Larrosa, (2004: 33) a questão da experiência – entendida como vivência – levanta a possibilidade de, na atualidade, essa experiência não estar encontrando correspondência na escolaridade e de a escola, como instituição, estar defasada da realidade.

Assim, aventa-se a hipótese de que uma das tarefas capazes de concorrer para compatibilizar dinâmica social e processo educacional institucionalizado seria diagnosticar precocemente tendências para o incremento de relações e de sistemas que possibilitassem planejamento das escolas mais compatível com o desenvolvimento social de diferentes momentos históricos.

Do ponto de vista do mundo acadêmico, discussões sobre mídia na escola seguem vertentes diversas. Um dos elementos que subsidiam o debate é a quantidade de referências e outro é saber quais são as mídias às quais os livros se repor-

tam para assim entender uma possível organização que pode deixar transparecer mais claramente os pilares da ação, do movimento e da inserção das mídias no cenário escolar.

Etimologicamente mídia, oriunda do latim *médius*, significa aquilo que está no meio, pensando no processo ensino-aprendizagem, seria aquilo que auxilia na intermediação entre o conhecimento produzido e os autores (educadores e alunos) do processo de ensino-aprendizagem. Neste trabalho, particularmente, considerou-se mídia de maneira bastante ampla, como sendo os meios em que as produções em massa circulam e fazem o conhecimento, as informações e as representações circularem em diferentes níveis. O material impresso (trechos de livros de romance, contos e poesias, textos informativos, quadrinhos, anúncios publicitários), as mídias audiovisuais (filmes e documentários) e as novas tecnologias (informática) abrangem o escopo deste trabalho.

AS MÍDIAS E OS LIVROS

Trataremos aqui com algum detalhe de quatro coleções de livros didáticos: ‘Linguagem e Interação’, (FARACO; MOURA; MARUXO, 2009), ‘Projeto Radix’ (TERRA; CAVALLETE, 2009) ‘Trabalhando com a Linguagem’ (FERREIRA et al., 2009) e ‘Diálogo’. (BELTRÃO; SANTOS, 2009) A escolha deveu-se a dois fatores principais: *a)* são livros com trânsito intenso nas escolas da região de Assis, estando entre os mais indicados no passado recente ou nos dias de hoje; *b)* são coleções representativas do percurso dos livros didáticos de língua portuguesa, como é principalmente o caso de “Linguagem e Interação”, cujos autores são conhecidos nesse meio já há décadas. A análise dos livros apontou dados relevantes sobre o uso de mídias.

Em todas as coleções observa-se predominância de trechos de romances, de contos e de poesias. A priorização da linguagem escrita é uma forma de metalinguagem: o livro didático, também baseado na escrita, reporta uma linguagem ainda mais acentuadamente escrita. Por um lado, isso mostra o que efetivamente importa para o livro didático – reverberar objetos de maior prestígio; mas, por outro lado, atender às expectativas não dos jovens (que circulam em ambientes com diversos outros gêneros textuais), mas às dos avaliadores.

Embora sejam predominantes os gêneros escritos, os gêneros eletrônicos e os suportes textuais virtuais como a internet e os gêneros baseados na *web* já começam a tomar boa parte do espaço dos livros didáticos, em que pese as propostas de atividades com estes gêneros serem apresentadas ainda de maneira tímida, mais como complemento de conteúdos do que como alternativa para o conhecimento. Talvez, isso aconteça por estarmos no meio de uma “revolução” dos textos eletrônicos. Conforme Chartier, “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”. (1999: 13) Dessa forma, o próprio suporte prevê outro tipo de relação, outro tipo de postura diante do texto, algo que ainda vem lentamente sendo construído nos meios educativos.

Uma constante nas coleções apreciadas é a pouca utilização dos anúncios publicitários. Esse gênero textual, embora sejam narrativas ricas em significações, que fazem parte do cotidiano dos alunos, não aparece valorizado pelos livros didáticos - que não os utilizam tanto quanto outros gêneros.

Outro dado que não varia nos livros analisados são as indicações de filmes, que aparecem quase na mesma proporção das indicações de leituras, algo que se explica a partir da própria história. Segundo Miranda, Coppola e Rigotti:

A relação entre cinema e educação, inclusive a educação escolar, faz parte da própria história do cinema. Desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução. (Miranda, Coppola, Rigotti, 2009)

Nos anos 1990, os textos publicados em jornais e revistas impressas passaram a frequentar sistematicamente os livros didáticos. (ZANCHETTA, 2004) Contrariando momentos anteriores, em que textos comuns na imprensa (como notícias e reportagens) eram considerados fúteis demais como modelo para a formação dos estudantes, nos anos 1990, eles chegaram a tomar boa parte do espaço das obras didáticas, representando um arcabouço prestigiado de construções linguísticas (em substituição aos textos literários), de conteúdo pertinente ao trabalho escolar (pois portavam assuntos de suposto interesse dos alunos) e de marketing livreiro (alimentando as ideias de dinamismo e de atualidade, em sintonia com o mundo contemporâneo). Já a década seguinte mostra outra guinada: menos textos de imprensa e mais textos visuais, com alguma predominância do cinema.

Esta mudança, embora significativa, continuou a respeitar os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que enfatizam a formação de um aluno que saiba utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento. Em lugar de suportes impressos, os livros didáticos, consonantes com as diretrizes oficiais, passaram a apresentar em seu conteúdo diversos materiais audiovisuais e digitais como complementação de estudos.

As coleções estudadas apresentam a mesma formatação nas quatro séries do Ensino Fundamental II, variando apenas o nível de conhecimento exigido para cada uma delas. Elencaram-se aqui alguns exemplos do trabalho desenvolvido com as mídias nos livros didáticos analisados.

A coleção ‘Linguagem e Interação’ está dividida em seções. Na seção “Para ir mais longe” predominam as indicações de livros de romances, sempre relacionados ao conteúdo da unidade selecionada. [Ver Fig. 1]



Figura 1

Já na seção “Agora é com você”, do mesmo livro, predominam as indicações de filmes, também relacionados ao conteúdo. O que se percebe em toda a coleção é que as indicações dessa seção servem como suporte para ampliar o acesso ao conteúdo estudado, apresentando ao educando possibilidade de pesquisa por ele mesmo, como o próprio nome da seção já indica. São apresentados endereços de sítios para a busca individual de outras fontes de informação. [Ver Fig. 2]

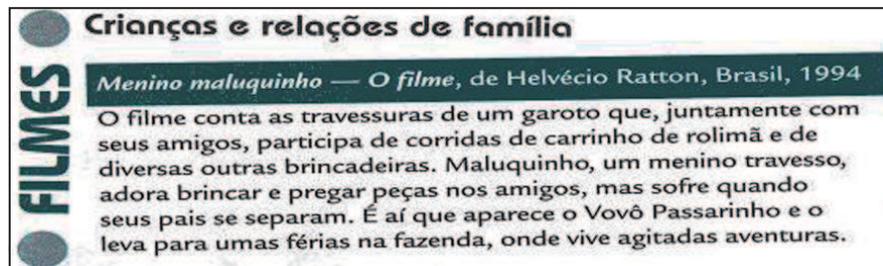


Figura 2

Em outra coleção, ‘Radix’, um dos recursos mais utilizados são histórias em quadrinhos (HQ), apresentadas, em sua maioria, para exercícios de interpretação, de compreensão de texto e de gramática. Mais uma vez, percebe-se a predominância do material escrito compondo o livro didático. Embora também apresente indicações de mídias audiovisuais, predominam de forma bastante evidente os materiais escritos. A seguir, tem-se exemplo do tipo de texto recorrente nessa coleção: [Ver Fig. 3]

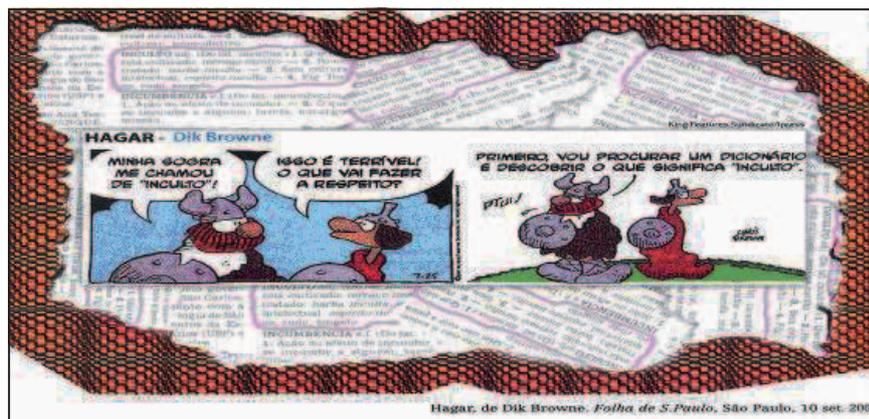


Figura 3

Em ‘Trabalhando com a Linguagem’, predominam os textos de revistas e jornais para realização de atividades didáticas. Além disso, na seção “Vi, li, gostei”, há dicas de filmes e de livros. No livro dedicado ao oitavo ano do ensino fundamental, por exemplo, uma das unidades é iniciada com matéria veiculada em revista de grande circulação, com reportagem sobre o navegador Amyr Klink. Ao final da seção, com o intuito de ampliar o assunto abordado, o livro didático apresenta indicações dos livros *Aventura Sem Fim*, do próprio Amyr Klink, *Família Schürmann – Um Mundo de Aventuras*, de Heloísa Schürmann, entre outros, e os filmes *Mar em Fúria* e *Limite Vertical*.

Em ‘Diálogo’, ao final de cada unidade também são indicados vários livros e filmes que complementam os conteúdos estudados. Em uma das unidades do livro do nono ano, as indicações são de livros como *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, e do filme brasileiro *Esses Moços*. [Ver Fig. 4]

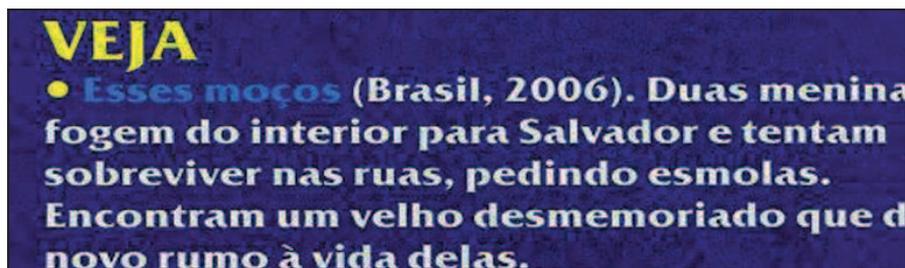


Figura 4

CONCLUSÃO

O livro didático tem sido visto como fator de transformação ou de permanência de valores sociais e como símbolo para ações concretas, ações que mostram diferentes formas de interação entre a escola e o contexto social. Nessa qualidade de símbolo, os livros didáticos aparecem como chave para o entendimento de formas de entrelaçamento entre a escola e a vida social.

Em grande parte, o ensino público brasileiro tem se ancorado em leituras de caráter “formativo”, em especial, em leituras de livros editados para essa finalidade. Daí que as diferentes análises feitas a respeito desses livros extrapolam questões exclusivamente de apreensão de conteúdo escolar, para constituir-se em objeto passível de oferecer entendimento de uma ordem social em ação.

O Estado brasileiro, em sua forma de organização, guarda um caráter de árbitro entre o ensino no país e a população objeto desse ensino. O recurso a livros didáticos, editados e indicados para práticas de leitura escolar, integram esse sistema de arbitragem. Nessa condição, a maneira de atuação do Estado e as políticas públicas adotadas adquirem diferenciadas formas conforme a organização dos mesmos. A quantidade de vezes que os livros se reportam às mídias evidencia qual é o perfil do leitor que esses livros pretendem atingir.

Tendo em vista os resultados acima expostos podemos afirmar que os livros analisados privilegiam ainda o contato maior com materiais impressos (livros, romances, poemas) já há muito consagrados como portadores de conhecimento e de informações que seriam relevantes para a formação do aluno. Juntamente aos materiais impressos, pode-se perceber quantidade considerável de indicações de filmes. Assim, intui-se que o material audiovisual já ganhou um espaço bastante grande na proposta de formação dos alunos.

Os textos de revistas e jornais, juntamente com as histórias em quadrinhos, também tem considerável presença nos livros analisados. Com estes textos são propostas atividades e exercícios tanto para apreensão quanto para fixação do conhecimento. Os textos publicitários utilizados para leitura e exercícios aparecem em pequena quantidade.

Com relação aos sítios da internet, embora apareçam em todas as coleções, ainda percebe-se timidez em termos de propostas de trabalho. Na sua maioria, quando mencionados, os sítios são apresentados como possibilidade de trabalho individual do aluno. De um lado, as coleções didáticas mostram-se atentas ao contexto político em que se inscrevem: ao selecionarem objetos de leitura em meio à enorme disponibilidade de informações na *web*, revelam atitude em tese próxima das expectativas de avaliadores internos à escola, como os professores (responsáveis pela seleção dos livros didáticos adotados em suas unidades escolares), e de avaliadores externos, como os membros da academia (responsáveis pela avaliação dos próprios livros didáticos, dentro do Programa Nacional do Livro

Didático - PNLD). De outro, ao apenas sugerir links para a busca do aluno, as coleções revelam a enorme distância entre o pensamento pedagógico ligado à escola e o mundo virtual.

Enfim, o livro didático, de certa maneira, procura atualizar-se e ir ao encontro das novas tecnologias que permeiam a vida dos estudantes. Porém, essa iniciativa ainda está distante de ser um trabalho que verdadeiramente traga aprofundamento para a reflexão e a apropriação de conhecimento a partir das novas mídias. Outro ponto relevante das proposições dos livros didáticos é a busca individual por conhecimento. Em uma sociedade de caráter cada vez mais meritocrático, esta configuração percebida nos livros pode ser um indicador do tipo de sujeito que se busca formar: o sujeito única e individualmente responsável por seus sucessos e fracassos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, R.L.L. *A Construção do "Herói". Leitura na Escola: Assis – SP-1920/1950*. São Paulo, Ed. Unesp: 2001.
- BELTRÃO, E.; SANTOS, L. *Diálogo: Língua Portuguesa, 6º ao 9º Ano*. São Paulo: Editora Renovada FTD, 2009 (Coleção Diálogo).
- CHARTIER, R. *A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador*. São Paulo: Ed. Unesp: 1999.
- DUBET, F. "A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização." In: *Contemporaneidade e Educação*, ano III, São Paulo, 1998.
- FARACO, C.; MOURA, F. M.; MARUXO, J. H. *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação. 1ª ed. 6º ao 9º Ano*. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- FERREIRA, G. et al. *Trabalhando com a Linguagem*. 1.ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2009 (Coleção Trabalhando com a Linguagem)
- LARROSA, J. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência." In: GERALDI, C. M. G. ; RIOLFFI, C. R. e GARCIA, M. de F. *Escola Viva: Elementos para a Construção de Uma Educação de Qualidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2004..
- MIRANDA, C.E.A.; COPPOLA, G.D.; RIGOTTI, G.F. "A educação pelo cinema." Cineducfaeuufmg.wordpress.com
- SILVA, E.T. "Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem." In *Em aberto*, ano 16 n. 69 Brasília, jan/mar.1996
- TERRA, E.; CAVALLETE, F. T. *Projeto Radix: Português - 6º ao 9º Ano*. São Paulo: Editora Scipione, 2009.
- ZANCHETTA, J. "Gêneros textuais de imprensa no livro didático." *Revista Leitura: Teoria e Prática*, v.43, 2004.